



Boletim Informativo do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC Ilhéus-BA - Ano VII - nº 12 - abr/mai 08

INFORME GEOGRÁFICO



INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039

A necessidade de uma geografia socialmente comprometida e espacialmente contextualizada

Entre o final dos anos 1980 e início da década de 1990, quando se falava de uma Geografia comprometida socialmente, geralmente interpretavam este comprometimento como vinculado à Geografia Crítica, como se somente aos geógrafos pertencentes a esta concepção coubesse a responsabilidade de articular a discussão geográfica com os problemas da sociedade local, nacional e *immdial*. Acontece que em trabalhos produzidos por geógrafos que não abraçaram a Geografia Crítica — humanistas, quantitativistas e mesmo tradicionais — esta articulação entre os problemas levantados pela Geografia e a realidade socioespacial encontrada, também foi considerada.

Nestes primeiros anos do século XXI, o comprometimento com as questões sociais, políticas e econômicas é exigência não apenas para geógrafos — de todos os matizes — mas para todos os profissionais que atuam na Universidade, em seus diferentes cursos. Essa noção de que o mundo acadêmico funciona como uma ilha alheia aos problemas que a cidade, o campo, a região experimentam, além de equivocada, é falsa. Pois os resultados do que se produz na Universidade — desde as pesquisas e trabalhos que resultam em conhecimentos relevantes científica e socialmente, aos trabalhos inócuos que por razões as mais diversas, são produzidos e engavetados — ecoam na vida que se vive “lá fora”. Seja pelos benefícios sociais em que muitos trabalhos resultam ou pela permanência e mesmo agudização de muitos problemas que continuam existindo, e estão à espera de soluções que podem e devem ser propostas pelos membros da universidade.

No caso específico deste curso de Geografia da UESC, um curso de licenciatura, frisem bem este aspecto, seu comprometimento com a sociedade deve ser inequívoco. O curso forma e coloca no mercado de trabalho profissionais que irão atuar na educação básica — séries finais do ensino fundamental e ensino médio — nas redes pública e privada de ensino, nos 41 municípios que integram a microrregião Itabuna-Ilhéus e mesmo em outras regiões da Bahia. Não é tarefa fácil! Especialmente porque somos cientes da secundarização a que os cursos de licenciatura são submetidos em muitas das IES baianas, e ainda mais, pela falta de seriedade e de compromisso como as questões relacionadas à educação pública ainda são tratadas neste país.

Vocês solicitaram que eu produzisse um texto para publicação neste “jornal do geógrafo — 29 de maio — e nestas poucas linhas penso que necessariamente, além das questões mais gerais às quais me referi anteriormente, é essencial refletir, discutir e buscar encaminhamentos para questões como: qual a identidade deste curso de Geografia que temos aqui na UESC? Qual o comprometimento dos corpos docente e discente em construir um curso (esta cons-

trução dá-se cotidianamente) que de fato atenda aos objetivos a que um curso de Licenciatura em Geografia precisa atingir? O que este curso tem em comum com os cursos de Licenciatura em Geografia das demais IES baianas? Em que se diferencia? Que tipo de intercâmbio existe entre professores e alunos do curso com professores e alunos das demais IES baianas? Por que grande parte dos trabalhos acadêmicos produzidos pelo corpo discente tem tratado displicentemente as questões epistemológicas da Geografia, as questões teórico-metodológicas e a própria dimensão pedagógica da Geografia,

uma das poucas áreas do conhecimento que têm lugar nos currículos da educação básica? Qual tem sido a contribuição do Colegiado de Geografia e do DCAA em consolidar e fortalecer este curso de Geografia da UESC? Como os professores que atuam no curso vêm este curso e, mais que isso, como enxergam o seu trabalho no âmbito das contribuições que a Geografia espera de sua área específica? O que os alunos esperam do curso, por que prestaram vestibular para licenciatura, o que os

trouxe à Geografia e como vêm sua condição enquanto universitários a partir de uma perspectiva cuja gênese é geográfica? Que Geografia os egressos do curso nestes últimos anos estão ajudando a construir nas escolas e cidades onde atuam? E finalmente, qual Geografia estamos produzindo neste momento na UESC, professores e alunos, que tipo de transformação desejamos alcançar, e como o mundo da vida e o mundo do trabalho têm se articulado através da mediação da Geografia, sempre que professores e alunos se encontram, principalmente em sala de aula, para tratar das questões das

GILMAR ALVES TRINDADE*

disciplinas específicas e assim continuar a produzir o conhecimento geográfico?

Penso que um ensino de Geografia efetivamente contextualizado — a consideração da dimensão do lugar, do território, da região —, e socialmente comprometido — a dimensão social que envolve a vida em toda sua complexidade — é o que devemos buscar neste momento do desenvolvimento da Geografia. Um momento histórico tão difícil de ser compreendido, um tempo de transformações radicais e instantâneas em que tudo parece ser efêmero, fugidio, virtual. Um momento em que o próprio espaço geográfico assume novos contornos em virtude da influência do meio técnico-científico-informacional, e exatamente por isso pede um comprometimento ainda maior daqueles envolvidos com o conhecimento geográfico, quando constatamos quão maiores e complexas são as questões abertas à análise, discussão e explicação da Geografia.

*Mestre em Geografia pela UFBA e Professor Titular do Curso de Licenciatura em Geografia da UESC.

Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia-IBICT atribui código ISSN ao Boletim Informe Geográfico-BIG

O Boletim Informe Geográfico-BIG é inscrito na rede internacional do ISSN. O sistema de coordenação internacional (ISSN International Centre - ICISSN, Paris) assegura que cada ISSN é único para cada publicação. No Brasil, o ISSN é atribuído pelo Centro Brasileiro do ISSN (CBISSN) sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia - IBICT, que é membro da rede e representante brasileiro junto ao Centro Internacional.

O QUE É UM ISSN?

O ISSN (International Standard Serial Number) é um número de identificação única, internacionalmente reconhecido para publicações seriadas que, uma vez atribuído, torna-se um atributo individual do título pelo tempo que for editado.

O QUE É UM PERIÓDICO?

É um tipo de publicação seriada que se apresenta sob forma de revista bo-

letim, jornais, etc. editadas em fascículos com designação numérica e/ou cronológica, em intervalos pré-fixados (periodicidade), por tempo indeterminado, com a colaboração de diversas pessoas, tratando de assuntos diversos, dentro de uma política editorial definida.

QUAIS AS VANTAGENS DE TER UM ISSN?

Dentre outras vantagens, uma vez inscrito na rede ISSN, o BIG conta com um eficiente método de comunicação entre editores e fornecedores de publicações seriadas. O código ISSN proporciona, também, um ponto de acesso útil aos catálogos de editores, diretórios comerciais, inventários automatizados, bibliografias etc, é amplamente utilizado em bases de dados automatizadas na organização, recuperação e transmissão de dados sobre publicações seriadas, e por bibliotecas para identificar, ordenar e processar títulos de publicações seriadas.



A necessidade de uma geografia socialmente comprometida e espacialmente contextualizada

Este é o primeiro número do Boletim Informe Geográfico-BIG, que tem como objetivo principal discutir a necessidade de uma geografia socialmente comprometida e espacialmente contextualizada. O texto de Gilmar Alves Trindade aborda a importância de articular a discussão geográfica com os problemas da sociedade local, nacional e immdial. O artigo discute o comprometimento dos corpos docente e discente em construir um curso de Geografia que atenda aos objetivos da licenciatura em Geografia. Também são abordadas questões epistemológicas, teórico-metodológicas e pedagógicas da Geografia. O texto reflete sobre a identidade do curso de Geografia da UESC e sua contribuição para a educação básica. Além disso, discute a importância da Geografia para a sociedade e a necessidade de um ensino contextualizado e socialmente comprometido. O artigo conclui que a Geografia deve buscar neste momento do desenvolvimento da Geografia um momento histórico tão difícil de ser compreendido, um tempo de transformações radicais e instantâneas em que tudo parece ser efêmero, fugidio, virtual. Um momento em que o próprio espaço geográfico assume novos contornos em virtude da influência do meio técnico-científico-informacional, e exatamente por isso pede um comprometimento ainda maior daqueles envolvidos com o conhecimento geográfico, quando constatamos quão maiores e complexas são as questões abertas à análise, discussão e explicação da Geografia.

Saulo Rondinelli

Adaptado de: Centro Brasileiro do ISSN (CBISSN) - Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia - IBICT

O Brasil explicado em galinhas



(Mas já havia um certo respeito no tom do delegado).

D - Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...

L - Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiros a entrar no nosso esquema. Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio.

D - E o que você faz com o lucro do seu negócio?

L - Especulo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturado os preços.

O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada.

Depois perguntou:

D - Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?

L - Trilionário. Sem contar o que eu sonego de Imposto de Renda e o que tenho depositado ilegalmente no exterior.

D - E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?

L - Às vezes. Sabe como é.

D - Não sei não, excelência. Me explique.

L - É que, em todas essas minhas atividades, eu sinto falta de uma coisa. O risco, entende? Daquela sensação de perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo. Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isso é excitante. Como agora fui preso, final-

mente vou para a cadeia. É uma experiência nova.

D - O que é isso, excelência? O senhor não vai ser preso não.

L - Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!

D - Sim. Mas primário, e com esses antecedentes...

Luis Fernando Veríssimo

Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e o levaram para a delegacia.

(D = Delegado; L = Ladrão)

D - Que vida mansa, heim, vagabundo!! Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!

L - Não era para mim não... Era para vender.

D - Pior, venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!

L - Mas eu vendia mais caro.

D - Mais caro?

L - Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas galinhas não. E que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.

D - Mas eram as mesmas galinhas, safado.

L - Os ovos das minhas eu pintava.

D - Que grande pilantra...

GEO DESTAQUES

Foram realizados na UESC dois eventos que tiveram a coordenação dos estudantes do curso de Geografia. Sendo eles: 1 Seminário de Geografia da População (alunos do 5º semestre) e o II Simpósio de Cartografia para Escolares (alunos do 3º semestre) ambos contaram com a presença da comunidade regional, assim como com a divulgação da mídia. Parabéns à todos pela iniciativa e pela coragem.

A Geografia da UESC ganha destaque no movimento estudantil em nível estadual após a eleição de quatro dos seus alunos para a CEBEGEO (Comissão Executiva Baiana dos Estudantes de Geografia). São eles: Daniela Santos, Diego Larocca, Karina Neves e Rafael Moreira.

O BIG parabeniza Saulo Rondinelli Xavier da Silva, graduado em Geografia (UESC), pela aprovação no Mestrado em Cultura e Turismo (UESC) onde irá desenvolver a pesquisa intitulada "Estudo comparativo de imagens fotográficas de praças ilheenses: uma contribuição para a educação patrimonial e para o turismo"; também parabeniza o Prof. Gilmar Trindade pela aprovação no Doutorado em Geografia, pela Universidade Federal de Sergipe-UFS; Karina Neves aprovada no Mestrado em Geografia, pela UFBA; Jacques Manz e Gilson Santos aprovados no Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (UESC); desejando-lhes êxito nessa nova etapa.

O NEOLIBERALISMO E A EDUCAÇÃO RETROSPECTIVA

A partir da década de 1970 substanciais transformações vêm acontecendo no contexto internacional modificando o norte assumido pela maior parte das potências mundiais que, sob a égide do capitalismo, passaram a viver uma outra realidade tanto nos setores político e econômico quanto no setor social.

O neoliberalismo, pensamento ideológico que teve sua ascensão nessa década, se constituiu nada mais de que numa retomada do pensamento liberal, com uma nova roupagem, nesse período do capitalismo caracterizado pelo processo da globalização da economia, da cultura dominante e dos valores liberais.

Esse neoliberalismo tem se apresentado como uma contraposição ao Estado do Bem-Estar Social, ou seja, da posição assumida pelo Estado Nacional de se incumbir de atender às necessidades sociais de sua população, como saúde, educação, trabalho, lazer. Além de pregar a mínima participação do Estado nos fatores econômicos, deixando às empresas a regulação do mercado através da livre concorrência. Também pregam a privatização das empresas estatais e dos sistemas de ensino, deixando assim ao privado assumir o controle e a gestão desses sistemas.

No que consiste ao fator educação, o pensamento neoliberal tem influenciado diretamente os rumos pelos quais a mesma tem sido norteadada, sobretudo quando presenciamos no contexto internacional o Banco Mundial ditando as regras a serem seguidas pelas nações emergentes e subdesenvolvidas com relação ao tipo de educação e aos conteúdos dessa educação a ser ofertada às suas respectivas populações, articulando a mesma aos interesses do capitalismo.

A padronização de currículos e conteúdos tem sido a estratégia do Banco Mundial para utilizar os sistemas de educação desses países no sentido de dominar suas respectivas populações e transformá-las em mão-de-obra desse sistema que impera em nossa sociedade global, ou seja, a educação tem sido utilizada como um fator ideológico de dominação.

Compreendemos essa ação ideológica da educação ao analisarmos a acentuação das disparidades entre países ricos e países pobres, e

entre a parcela rica e a parcela pobre da população desses países.

Vivemos na era da informação, contudo o nível de informação espalhada pelo mundo não é igual em todos os lugares. Para os agentes hegemônicos que comandam o mundo o tipo de informação compartilhada entre eles é selecionada, necessária à sua permanência na condição de agentes hegemônicos; já as informações passadas por esses agentes hegemônicos para o resto do globo é outra, igualitária, do tipo necessário a essas nações continuarem sendo dominadas. “Conhecimento é poder”(Francis Bacon).

Em nosso país a articulação do pensamento neoliberal se tornou mais expressiva a partir do governo do ex-Presidente da República, Fer-



nando Henrique Cardoso, quando o mesmo implementou as políticas neoliberais através da privatização de várias empresas estatais, maior abertura do mercado interno à livre concorrência das empresas internacionais, a concessão à participação privada no atendimento às necessidades sociais básicas da população e também à participação dessas empresas no controle e gestão de Instituições de Ensino Superior, proporcionando o mercantilismo da educação.

Na conjuntura atual, essa influência neoliberal na educação nacional tomou vulto gigantesco tanto em função das pressões internacionais, quanto em função das políticas adotadas pelo governo nacional. Hoje, as instituições de ensino privado já se apresentam em número exacerbado ao ponto de estar havendo uma banalização do ensino em todas as suas instâncias. As próprias concessões contidas na LDB/96 ao ensino privado abriu brecha para que isso

se tornasse efetivo.

A educação se constitui no principal fator necessário à formulação de um Estado desenvolvido e verdadeiramente cidadão. Assim, no bojo dessa sociedade onde impera o ideal excludente neoliberal, algumas contraposições se apresentam como tentativa de mudança ao pensamento dominante.

Segundo o educador Paulo Freire, uma verdadeira educação democrática é aquela cujo planejamento e efetivação se dá de forma participativa e não impositiva, sendo que a educação deve se dar contextualizada à realidade do educando e articulada à realidade planetária, propiciando ao mesmo os mecanismos necessários para se tornar um cidadão politizado e em dia com o seu tempo e lugar.

Assim, ele propunha educar para libertar.

Também no pensamento do geógrafo e educador Milton Santos, a sociedade dita democrática apresenta no seu bojo os mecanismos necessários à produção de contradições às ideologias dominantes. Dessa forma, se bem aproveitados podem se tornar fatores favoráveis à realização de uma grande mutação.

Contudo, podemos pontuar como maior desafio à educação hoje é o ter profissionais verdadeiramente comprometidos com o ato de ensinar a aprender e aprender ensinando, pois sem educadores comprometidos com o seu tempo e o seu povo, sem educadores politizados jamais será produzida a grande transformação tão desejada.

Conquanto o neoliberalismo seja a ideologia dominante em quase todos os setores da nossa sociedade global, incluso aí os sistemas de ensino, ainda algumas possibilidades de mudança ao vigente podem ser vislumbradas. Mas, para que as mesmas não caiam na falácia de ser obra meramente do discurso, é preciso um sério compromisso de seus articuladores para que a mesma se realize, sendo este o grande desafio da nossa sociedade atual.

Somente quando uma real transformação democrática e social acontecer é que poderemos ver o esboço da construção de uma realidade mais humana e verdadeiramente cidadã.

Paulo Aguiar.

Estudante de Geografia
(UESC)

A mundialização do estado-nação segundo o capitalismo

Quando da transição do feudalismo para o capitalismo, o trabalho auto-suficiente dos artesãos foi substituído pelo trabalho mecânico e estes, passaram a condição de simples trabalhadores para a reprodução do capital. Começava aí o embrião para o que hoje se chama de mundialização das finanças, dos espaços, das empresas, etc.

Com o advento da tecnologia, grandes empresas detentoras de grande volume de capital passaram a ter acesso aos mercados dos “quatro cantos” do planeta. Desta forma, grandes somas de dinheiro são transferidas de um país para outro num simples apertar de uma tecla. Multinacionais “engolem” aquelas empresas que não têm condições de competir no mercado mundial, criando-se mega-fusões e fazendo com que essas empresas dominem o mercado mundial. O Estado-nação perdeu a sua identidade, abriu-se ao mercado único. Segundo a lógica do capitalismo, as mercadorias, serviços, capitais e as pessoas têm que circular sobre mercados livres, sem fronteiras, não importando as condições sociais, políticas e históricas, o importante é o mercado. Hoje quem não tem condições de competir, está fora do mercado de trabalho. Ganha quem se adapta aos novos tempos, ou seja, segue as normas do capitalismo.

Previu Marx que o final do capitalismo seria concentração deste nas mãos de poucos e é o que estamos presenciando atualmente. O novo panorama mundial começa a se desenhar e a parte excluída deste capitalismo algoz começa a se manifestar. Prova disso é o recente atentado aos símbolos maiores da globalização: as torres do World Trade Center e ao Pentágono, localizados no seu maior anfitrião, os Estados Unidos. Talvez seja o prenúncio do seu fim.

José Raimundo Cruz.

(Texto originalmente publicado na edição BIG Ano II, nº 04, abr/mai-2002.)



ENTREVISTA - PARTE 1

Bertha k. Becker propõe uma revolução para salvar a Amazônia

Segundo a cientista da UFRJ, faltam investimentos para produção de riqueza com manutenção da floresta

Cristina Amorim - ESTADÃO.

A vaidosa senhora de 76 anos chega sorridente a uma sala cheia de estudantes na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Com sotaque carioca carregado, resigna-se com os problemas no microfone, acende um cigarro e avisa aos incautos que gosta de fazer piada. Os estudantes não entendem a ironia nem o despojamento.

Mas, assim que começa sua palestra na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), eles percebem por que Bertha Becker é uma das cientistas mais respeitadas do Brasil.



Ela estuda a Amazônia há 30 anos, e há pelo menos 10 defende uma revolução científica para salvar a floresta e ao mesmo tempo levar desenvolvimento e riqueza para seus 20 milhões de habitantes.

- A sra. diz o que o Brasil passa hoje pela litoralização. O que significa?

- Durante o Governo de Juscelino Kubitschek e o programa de integração nacional, houve ênfase na interiorização, com a criação de Brasília, as estradas e o avanço das telecomunicações na Amazônia. A Amazônia mudou muito, inclusive com telecomunicações e indústria. Da década de 90 até agora, o que domina é essa logística que não atinge a Amazônia nem o interior do Nordeste. Ela é voltada para exportação e dominada pelas concessionárias privadas, como a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a agroindústria, o que acentuou a litoralização, abandonou a interiorização e se concentrou no eixo Centro-Sul.

- A CVRD e a agroindústria têm projetos na Amazônia.

- São pontuais. Carajás, da CVRD, é da mina até o litoral. A exportação mantém o padrão histórico sob o qual fomos forçados, produzindo matéria-prima para mercados globais. Éramos ilhas voltadas para o exterior. É o que acontece novamente. A preocupação com a interiorização foi sustada.

- Por necessidade ou escolha?

- Houve a mudança da natureza do Estado, em que há privatização intensa com concessões. Ele delega até serviços para o setor privado, que tem o interesse de exportar a produção, enquanto o Estado tinha intenção de interiorizar o povoamento. Enquanto isso, a Amazônia está isolada. Me irrita porque todo mundo do governo enche a boca para falar do valor estratégico da Amazônia, mas ações concretas são muito pequenas.

- Qual é o impacto para os 20 milhões de habitantes da Amazônia?

- Um movimento de preservação que foi, sem dúvida, um freio no desenvolvimento regional. Claro que era necessário, e é necessário, porque o movimento de interiorização foi violento. Mas talvez não em tão grande extensão, e não tão preservacionista. Proponho uma revolução científica e tecnológica para a Amazônia porque o Brasil já fez umas boas e importantes, como a exploração do petróleo em águas profundas, transformação da cana em álcool e a revolução do cerrado.

- É possível unir essa revolução com a proposta ambientalista?

- Deve unir. É uma obrigação da ciência e da tecnologia e do Estado brasileiro. O Brasil tem esse desafio e deve saber enfrentá-lo. O desafio maior é encontrar formas adequadas de utilizar o patrimônio natural que promovam a inclusão social, que é o grande problema da Amazônia e do Brasil, sem destruir a natureza. Não é uma revolução positivista. Ela tem de enredar várias disciplinas, com a participação da sociedade. É possível.

- Como?

- Fiz um estudo para o Ministério da C&T e propus a formação de cadeias tecnológicas em biodiversidade, que viriam desde o âmago da floresta, agregando valor gradativamente, portanto atendendo à população local, até as indústrias nas áreas urbanas, em etapas. Elas passariam pelos centros de biotecnologia. Tem um, em Manaus, que está praticamente parado, e tem de ser posto para funcionar. Há pequenas e médias empresas em Manaus, Belém e Rio Branco que utilizam a biodiversidade para fazer cosméticos: óleos, essências, sabonetes, batons. A biodiversidade é uma coisa fantástica. CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO... Ou solicite no saulorondinelli@hotmail.com.

GEO-POESIA

A metrópole desperta enquanto dorme
Para um sol que nunca se põe.
É o órgão que pulsa e que não pode parar
Bombeando por quilométricas vias iluminadas
A força que dá vida à nação
Não é o concreto de tuas fortalezas frias
Tampouco o incessante piscar das velozes luzidias
Que nos diz quem é
Não argumentas com sua extensão
A sua majestade
Não silencia seu clamor produtivo
Por um projétil que atravessa vidas
Articulada e funcional
Imperiosa e carente
Grande mãe de gélidos abraços
Que filho haveria de te acariciar?
Que filho te vivencia?
Te torna lugar?
É a tua tentativa de indiferença
Ao suor que te faz motor primeiro
Ao rebento que te abarca em parcelas mínimas
Que grita aos alicerces que és vida
Que denuncia ao homem que és mãe
Que implora ao concreto com que és erguida
Que a deixe ser.

Gleise Silva Alves - Estudante de Geografia (UESC).

GEO CAÇA-PALAVRAS

S	Y	D	W	E	P	N	F	P	T	M	C	F	O	G
C	L	E	T	R	A	C	U	T	D	K	J	T	L	S
K	T	S	Y	C	B	R	P	C	E	R	Q	V	S	P
U	M	S	R	M	M	R	A	B	R	X	D	J	J	G
L	B	R	T	W	R	U	V	P	A	W	J	N	W	B
P	A	R	L	I	E	L	G	E	T	S	U	R	T	B
E	X	E	A	W	R	C	K	G	I	W	D	C	G	G
X	H	B	F	A	N	Y	Y	F	L	R	B	A	X	U
U	D	I	M	N	I	U	S	L	F	W	P	R	N	C
I	D	D	X	F	I	O	R	D	E	S	A	Y	J	R
H	W	U	I	K	L	N	V	J	D	J	X	E	O	R
N	O	Y	M	V	C	D	U	F	D	W	K	F	I	R
I	J	L	P	E	T	R	Ó	L	E	O	A	V	K	F
G	B	A	A	U	G	Á	R	J	A	T	R	N	L	G
U	J	Y	D	H	O	P	N	B	X	Q	N	V	R	A

- fusão de várias empresas para dominar o mercado.
- substância oleosa, de origem orgânica, sempre encontrada em estruturas sedimentares. Principal fonte de energia da atualidade.
- principal fonte produtora de eletricidade no Brasil.
- acordo ou associação de empresas (e até de países) independentes para controlar a produção e o mercado de determinado produto.
- formação de relevo decorrente de erosão gacial.